

Algumas perspectivas do Cavaleiro Medieval na obra de Georges Duby¹

Leandro Hecko²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de cercar em algumas obras do medievalista Georges Duby a percepção de cavaleiro medieval, pensando-o no conjunto guerreiro/cavaleiro, inserido na visão da sociedade tripartida concebida pelo historiador francês. Trata-se de perspectivismos historiográficos na obra de um mesmo autor, onde aparecem as diversas faces do “herói” medieval.

Palavras-chaves: historiografia, cavaleiro medieval, Georges Duby.

Algunas perspectivas del Caballero Medieval en la obra de Georges Duby

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo cercar en algunas obras del medievalista Georges Duby la percepción de caballero del medievo, pensando el guerrero / caballero, inserido en la visión tripartita de la sociedad concebida por el historiador francés. Estos son perspectivismos historiográficos en la obra de un mismo autor, en la que aparecen varios aspectos de los "héroes" medievales.

Palabras clave: historiografía, caballero medieval, Georges Duby.

Entre os marcos referentes aos períodos históricos e suas transições, existem processos muito lentos que envolvem reconfiguração de características ou permanências ou ainda rupturas bruscas ou sutis. Não obstante, ao historiador que se preocupa com aspectos da cultura, sem dúvida a ênfase recai sobre as sutilezas das transformações ou permanências.

Aqui desejo pensar uma figura que se transforma lentamente da Antiguidade Clássica para o Medievo, embora guarde traços da Antiguidade, pensando-o dentro da obra de Georges Duby. Trata-se da figura heróica do cavaleiro.

Como arquétipo estabelecido entre Homero³ e Virgílio⁴, o herói no pensamento greco-romano⁵ configura-se como referência de bravura, força e valores que busca a

1 Artigo apresentado à disciplina de Teoria da História e Historiografia ministrada pela Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

2 Professor Adjunto do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL.

3 Vide sobre o herói ilidíaco: FERREIRA, Vânia Maria Moragas. O Herói Ilidíaco e a Questão da Euforia Guerreira. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/Semestre II/2008/pp.69-76, disponível em www.antiguidadeclassica.com

4 Vide estudo da recepção de Virgílio, que perpassa a Idade Média e chega ao Renascimento em VITORINO, Mônica Costa. Sobre a recepção da Eneida. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica. – No. 004/Semestre II/2009/pp.128-137, disponível em www.antiguidadeclassica.com

5 Vide os heróis nas obras de Homero (Ilíada e Odisséia) e Virgílio (Eneida) e o papel dos heróis entre

glória, a virtude para a memória pelos tempos. O herói, portanto, é um modelo de homem, construído na literatura⁶, representado nas artes (escultura e pintura) e comentado entre as pessoas. Sua glória se mantém pelos tempos através da força da sua memória, que é a sua glória, a glória de não ser esquecido e ter os seus feitos rememorados pelos homens.

Tais características e valores são percebidos nos diferentes contextos os quais referenciamos. São evidenciados na Antiguidade e também perceptíveis no Medievo, embora com diferentes configurações. Neste ínterim, tendo em mente a figura do cavaleiro, voltemos nossos olhos a essa figura heróica medieval e sua caracterização na obra de Duby, destacando: *A sociedade cavaleiresca* (1968), *Guerreiros e camponeses* (1973) e *Guilherme Marechal, ou O melhor cavaleiro do mundo* (1984).

Observando a obra de Duby, mormente essa parte aqui circundada, percebe-se o cavaleiro desde os primeiros lampejos de Idade Média, segundo a tradicional cronologia. É importante cercear o binômio cavaleiro/guerreiro, pois em situações de conflito bélico, princípio da ação cavaleiresca, é ele o mais destacado. Neste contexto, atentar para os primórdios do crescimento econômico europeu recortado na obra *Guerreiros e Camponeses*, a partir do século VII, é um primeiro passo importante a perceber as facetas desses guerreiros cavaleiros. A obra em questão, com ênfase na economia e percepção marxista, como declara o próprio Duby (1991, p.80; RIBEIRO, 2002, p.218), dá evidências da ação, no âmbito da ordem feudal. Tendo em mente a ordem das três classes, a alguns cabe a oração, a outros a defesa e aos últimos sustentar os dois anteriores. Estabelecendo tal ordem feudal, diante das movimentações populacionais européias a partir do século IV, as ações dos diferentes povos bárbaros diluindo a ordem romana do mundo, põem em questão o guerreiro expropriador e angariador de espólios de guerra que migra de lado a lado buscando conquistas, com ou sem exército/agrupamento fixo. A ordem que se estabelece é a das propriedades protegidas por reis e súditos com relações determinadas por laços morais, que cria e delimita uma categoria muito valorizada pela força: os cavaleiros. Em uma representação de ordenação de exército, define, dentro do elencado acima que:

A cultura das grandes migrações populacionais era uma cultura de guerra e agressão;

gregos e romanos em suas ações na ou fora da batalha. Como comentários, pode-se recorrer a François Hartog em *O espelho de Heródoto* ou ainda em Francisco Murari Pires no seu *Mithistória*.

⁶ Vide as obras dedicadas a heróis como a *Ilíada* (com diversos heróis), a *Odisséia* (derivada do nome de Odisseu) e a *Eneida* (derivada do nome de Enéas) em se tratando de Antiguidade Grego Romana ou ainda os *Romances de Cavalaria medievais*, com destaque aos ligados a Rei Artur e os cavaleiros da *Távola Redonda*, *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes), entre outros exemplos.

o estatuto de liberdade definia-se em primeiro lugar, pela capacidade de participação em actividades militares, e a principal função terrena da realeza era chefiar o exército, por outras palavras, todo o povo se juntava para o ataque. Entre a actividade de tipo guerreiro – a que nós chamamos 'política' – e a pilhagem, não havia linha de demarcação (...) De qualquer modo, representava uma forma regular de actividade económica da maior importância, tanto pelos lucros que conseguia como pelas perdas com que ameaçava as comunidades rurais. Isto explica a presença de armas nas campas de camponeses, o prestígio do guerreiro, e a sua superioridade social absoluta. (DUBY, 1980, p.61-62)

Assim, diante da imagem romântica que se possui do cavaleiro/guerreiro, inicialmente, coloca-se em primeira ordem um lado profissional ligado à economia. Em continuação, a partir dessa ideia, há que pensar na relação entre o cavaleiro e a nobreza. Não possuindo sangue nobre, na maioria das vezes, aqueles que compõem a cavalaria tomam caminhos diversos na sociedade. Ora reconhecidos por seus feitos ora inseridos junto à nobreza, diz Duby, sobre os cavaleiros em relação à nobreza:

Os seus membros não eram todos de origem servil, e contudo não gozavam de plena liberdade; com efeito, não tinham sinete, viviam em dependência hereditária e não escapavam às exações. Todavia, por volta de 1150, começamos a ver alguns deles distinguir-se por um qualificativo especial: ostentam o título de *cavaleiro*. Aparentemente, honra-os o serviço militar a cavalo; mais necessários ao príncipe, sentimo-los de certo modo muito à vontade. Estes *milites* constituem uma aristocracia que se reforça, mantendo-se sempre muito abaixo da elite das famílias 'nobres' que a proliferação natural das linhagens tornou na mesma época um pouco mais numerosas, portanto menos ricas. (1989, p.8).

A cavalaria é, portanto, inserida no corpo social medieval. E o que se chama de cavalaria, pode ser pensada junto à nobreza, enquanto exército, fortemente inserida no imaginário das três ordens (DUBY, 1982). Mas a constituir-se cavalaria, como composto de cavaleiros, o processo foi longo. Como se disse anteriormente, o cavaleiro passou por uma ordem econômica, pela aproximação com a nobreza (quando ele não era nobre por nascimento) até seu estabelecimento no ordenamento social enquanto figura heróica (DUBY, 1989, pp.79-99) habitando o imaginário dessa sociedade.

Se a perspectiva econômica permeia o cavaleiro/guerreiro em Guerreiros e Camponeses e a sua relação com a nobreza é discutida em *A sociedade cavaleiresca*, é em Guilherme Marechal que se poderá aprofundar, biograficamente, em uma personalidade dessa categoria. O próprio Duby, em *A História Continua*, confessa:

Há muito eu tinha vontade de falar de Guilherme (...) Pois eu o conhecia muito melhor que qualquer outro homem de sua época (...) Nele, vemos Guilherme agir, lutar nos campos de torneios, beber com os amigos, chorar no infortúnio, cortejar as damas. Ouvimo-lo falar. Ele está vivo. Eis enfim um cavaleiro que era para mim mais que um nome, ou um transeunte furtivo entrevisto através de uma carta. Evoquei, portanto, este personagem truculento, pretensioso, algo limitado, esperto.(1993, p.137)

Alarga a percepção e ao mesmo tempo aprofunda a sua análise do seu Marechal, em A História Continua ao dizer que:

O verdadeiro tema do livro não é Guilherme, mas a cavalaria, seu ideal, os valores que ele afirmava respeitar. E também um sistema político, o 'feudalismo' (...) Apresento aqui aos especialistas o que pareceram características de um meio social em seu relacionamento com o dinheiro, a fama, a salvação (...) apanhado nas malhas das obrigações entrelaçadas e não raro contraditórias que decorriam de seus deveres de pai, senhor, vassalo e súdito, conseguia desenredar-se sem trair, sem faltar à honra. (1993, p.139)

E no Guilherme Marechal, Duby discorre sobre os valores da cavalaria, através do “melhor cavaleiro do mundo”, mostrando em seu lirismo uma forma que dá à sua narrativa o tom de um romance digno de cinema⁷.

Para o cavaleiro o envelhecimento é a sua decadência, como diz Guilherme Marechal segundo Duby: “Estou velho demais, fraco e alquebrado” (DUBY, 1987, p.7). E ao decair, sente o Marechal a necessidade de livrar-se do mundano, deixar para trás o que acumulou em suas andanças, mostrando a libertação como sublimação da vida material. Mostra suas preocupações de pai de família, herança aos filhos que ficam, casamento às filhas (DUBY, 1987, pp.7-16). O mais precioso está no fato do Marechal buscar construir/deixar uma memória através dos seus atos finais:

Ostentoso, como serão também os atos seguintes, pois naquele tempos todas as belas mortes são verdadeiras festas – elas exibem-se como num teatro, perante grande número de espectadores, de ouvintes atentos a cada atitude, a cada palavra, atentos a que o agonizante manifeste seu valor, a que fale e aja segundo a sua posição, a que legue um derradeiro exemplo de virtude aos que lhe vão sobreviver (DUBY, 1987, p.9).

Se não se morreu brilhantemente no campo de batalha, que se morra solenemente teatralizando seus valores, correspondendo à expectativa dos seus “fãs”. E a moral do cavaleiro transcendia segmentos sociais (DUBY, 1988, pp. 25-30), pois cuidava ele não apenas de guardar os costumes da moral doméstica, tratando muito bem os familiares, mas também a moral social, que ordena que o comportamento seja o mais ímpoluto possível (DUBY, 1987, p. 29). A estas, de âmbito público e privado, soma-se uma terceira que se liga a Deus. A obediência a Deus e à sua representação na terra, ou seja, a Igreja, é importantíssima. Não obstante, há aqueles que, como o Guilherme Marechal,

7 Sobre o cavaleiro no cinema, ver os filmes: As aventuras de Erik, o viking (1989) com Direção de Terry Jones; Ricardo, Coração de Leão (1954) com Direção de David Butler; Excalibur (1981) com Direção: John Boorman; O incrível exército de Brancaleone (1965) com Direção de Mario Monicelli; Coração de Cavaleiro, com Direção de Brian Helgeland (2002); Cruzada (2005) com Direção de Ridley Scott; Rei Artur (2004) com Direção de Antoine Fuqua; Os cavaleiros da Távola Redonda (1953) com direção de Richard Thorpe; entre outros.

se importam mais diretamente com Deus, criticando os homens da igreja chamando-os de interesseiros (DUBY, 1987, p. 27-28). E neste sentido, tanto os momentos de vida dos cavaleiros quanto seu momento de morte servem, aos demais mortais, como uma plena lição de como ser homem, em humanidade e valores, dentro da sociedade que ocupam.

Seguindo a obra de Duby, coloco aqui duas imagens que são bastante representativas da ação dos cavaleiros. A primeira se trata de uma iluminura da obra “O Milagre de Notredame”, que mostra o lado da fé do cavaleiro, à esquerda, humildemente ajoelhado assistindo uma missa e ao outro, o lado belicoso combativo em um torneio, de onde flui o sangue para vitória do cavaleiro.



Imagem 1: Os Milagres de Notre Dame (Gautier de Coinsi, Paris, c. 1320-1340, fol. 123r.)

Na segunda imagem, observa-se a perspectiva do guerreiro a serviço de Cristo, em uma representação das Cruzadas. Ela mostra uma ação bélica associada a um ato de fé.



Imagem 2: Cristãos versus muçulmanos.

Na terceira imagem, o cavaleiro e o seu exibicionismo de virilidade diante das mulheres. Junto à figura do cavaleiro surge também a figura da mulher, de acordo com Duby, que inclusive discute tal figura a partir do Marechal. Mas, dá-se a ênfase na imagem à representação do cavaleiro com destaque à sua altivez social.



Imagem 3: Os perigos do amor: com longas trompas, os tenebrosos diabos incitam os homens ao pecado, como observamos nessa belíssima e rica iluminura (fol. 205) do Breviário do Amor (*Le Breviari d'amor*), texto escrito entre 1288 e 1292 por Matfré Ermengaud de Béziers (†1322)

Observadas as obras e considerações acerca do cavaleiro medieval, pode-se concluir que este é uma mescla de tudo o que representou a Idade Média: a economia, os valores bárbaros e cristãos, as encenações e principalmente a fé. Na obra de Georges Duby, o cavaleiro em todas as suas facetas pode ser contemplado, seja através das palavras do historiador francês, seja pelas palavras e imagens das fontes que ele evoca, essa figura do imaginário medieval é bastante viva dentro da obra do medievalista. Por fim, repito as palavras de Duby sobre Guilherme Marechal, pensando sobre a sociedade cavaleiresca através de sua historiografia: “Pois eu o conhecia muito melhor que qualquer outro homem de sua época” (1993, p.137). E assim são os trabalhos dos historiadores em sua cumulatividade: pelo pluralismo de perspectivas pode-se aproximar dos tempos transcorridos através da voz dos mortos.

REFERÊNCIAS

Referências das Imagens:

Imagem 1: *Os Milagres de Notre Dame* (Gautier de Coinsi, Paris, c. 1320-1340, fol. 123r.) retirada de <http://www.ricardocosta.com/pub/torneios.htm> com acesso em 14/07/2010.

Imagem 2: *Cristãos versus muçulmanos*. Retirada de http://4.bp.blogspot.com/_nl95LDtFdb4/SQ-stP5ih8I/AAAAAAAAAGI/uOT1m_1UZ8g/s1600-h/cruzadas_02.jpg com acesso em 14/07/2010

Imagem 3: *Os perigos do amor*: com longas trompas, os tenebrosos diabos incitam os homens ao pecado. Iluminura (fol. 205) do Breviário do Amor (*Le Bréviari d'amor*, 1288 e 1292 por Matfré Ermengaud de Béziers). Imagem retirada de <http://www.ricardocosta.com/pub/torneios.htm> em 14/07/2010.

Obras de Georges Duby:

(1991) DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Ed. UFRJ, 1993.

(1978)_____. *As três ordens ou o imaginário no feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

(1968)_____. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

(1973)_____. *Guerreiros e Camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu – séculos VII a XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

(1984)_____. *Guilherme Marechal ou O melhor cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

(1988)_____. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

Outras:

COSTA, Ricardo & ZIERER, Adriana. *Os torneios medievais*. Publicado em FERREIRA, Vânia Maria Moragas. *O Herói Ilídiaco e a Questão da Euforia Guerreira*. Revista Eletrônica Antiquidade Clássica – No. 002/Semestre II/2008/pp.69-76 disponível em www.antiquidadeclassica.com

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

HOMERO. *Íliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PIRES, Francisco Murari. Mithistória. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1999.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “Georges Duby, o prazer da história” in Signum – Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), 4, 2002.

VIRGÍLIO, Públio. Eneida. Tradução por Manuel Odorico Mendes. Disponível em www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes

VITORINO, Mônica Costa. Sobre a recepção da Eneida. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica. – No. 004/ Semestre II/2009/pp.128-137, disponível em www.antiguidadeclassica.com